

africanas diversas que eles trouxeram consigo, eles inventaram novas linguagens para se comunicar uns com os outros e com os seus mestres coloniais. Um grupo especial de línguas africanas do Novo Mundo criadas pelos escravos, o Black English, crioulo e papiamentu, entre outros, são sínteses de vocabulários europeus e estruturas gramaticais basicamente africanas. Os escravos também trouxeram o conhecimento e a tecnologia das suas culturas, especialmente em botânica, medicina, agricultura, navegação e ferraria.

Foi dentro dos confins das habitações negras que africanos de backgrounds variados criaram as suas novas relações sociais e formas culturais. No contexto das condições mais opressivas e desumanizadoras possíveis da senzala, eles formularam novas regras de comportamentos éticos e morais e promoveram a cooperação e assistência mútua entre eles para poder sobreviver e afirmar as suas próprias identidades, valores e ideais. Foi

neste espaço que eles criaram novas relações de família e sociedade. Foi neste espaço que eles afirmaram a sua fé em Deus e o seu amor por uns aos outros. Quanto mais eles se desenvolveram e afirmaram os seus valores culturais exclusivos e práticas, mais eles puderam resistir ao controle e à opressão dos brancos. O sentido de solidariedade se desenvolveu neste espaço e encorajou os escravos a se unir e proteger-se a si mesmos das práticas mais desumanizadoras da escravidão. As novas culturas inventadas por eles incentivavam a auto-estima, coragem e confiança nos indivíduos e no grupo.

VIDA FAMILIAR E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

que permanece em grande parte silenciado e freqüentemente sub-apreciado é o fato de que os povos africanos inventavam e criavam as condições de vida familiar

durante a escravidão. Eles apreciavam intensamente os laços conjugais e sagrados criados pelo matrimônio. Eles sustentavam e alimentavam os laços familiares mesmo quando separados uns dos outros. Entre as suas mais altas prioridades após ganhar a liberdade, sobretudo depois da abolição da escravatura, estava a de localizar os membros da família que haviam se perdido e afirmar o amor uns pelos outros. Durante o período imediatamente após a emancipação, proliferavam as cerimônias civis e/ou religiosas, formais e recém legalizadas, de casamento.

Os negros livres—ex-escravos e seus descendentes, muitos deles fugitivos—construíram as bases da vida institucional negra nas Américas durante o período da escravatura. Nos Estados Unidos, eles fundaram as igrejas Africana Metodista Episcopal São (A.M.E. Zion) e Africana Metodista Episcopal (A.M.E.), bem como numerosas e pioneiras igrejas negras batistas. Os primeiros jornais e

A ÁFRICA: A LONGA MARCHA

Entre 1500 e a década de 1860, milhões de africanos foram capturados, escravizados e transportados além-mar, e do outro lado do Atlântico tornaram-se a força de trabalho dominante nas economias coloniais euro-americanas. Para a vasta maioria desses africanos, o processo da escravidão iniciou-se no interior do litoral ocidental e da parte central da África. Alguns foram capturados em guerras ou ataques e vendidos de um comerciante ao outro até chegarem à costa atlântica. Eles eram obrigados a marchar do interior sob a ameaça de armas, algemados, e ficavam presos sob condições desumanas em fortalezas escravistas ou em outros depósitos até que fossem vendidos para serem levados às Américas. Embora milhões morressem no caminho, os milhões que sobreviviam e trans-

scendiam a sua opressão construíram as bases da experiência africana nas Américas.

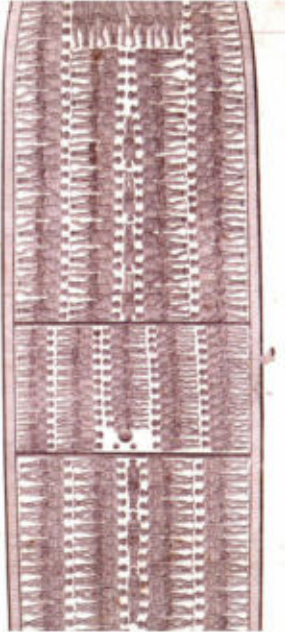
O COMÉRCIO ESCRAVISTA

O comércio escravista transatlântico foi um fator fundamental ao desenvolvimento das economias coloniais europeias nas Américas do século XVI ao XIX. Também foi fundamental ao desenvolvimento do mundo moderno como nós o conhecemos. Referido com freqüência como o "comércio triangular," ele ligava as economias de quatro continentes e do Caribe numa economia mundial do Atlântico. As ativi-

Gravadura de uma seção transversal do navio negreiro *Brookes*, baseado em Liverpool, Inglaterra, 1789.

Divisão de Manuseios, Arquivos e Livros Raros, Centro de Pesquisa Schomburg em Cultura Negra, Biblioteca Pública de Nova York.

Interior: Boden des Schiffes



dades comerciais de troca ocorriam em três fases. Os navios deixavam os portos do litoral ocidental europeu carregados de bens comerciais destinados à África. A Espanha, Portugal, a Holanda, a Inglaterra, e a França dominavam o comércio.

Chegando à África, os capitães dos navios trocavam suas mercadorias por africanos cativos. As armas de fogo e a pólvora chegaram a dominar o comércio, mas os produtos têxteis, as contas e outras mercadorias, bem como o rum, também figuravam de forma proeminente. A segunda

etapa do comércio triangular, a chamada "Travessia do Meio," transportava as cargas de africanos cativos para o outro lado do Atlântico para venda nas Américas. A etapa final do comércio triangular era das Américas à Europa. Os navios carregavam mercadorias—principalmente produtos agrícolas cultivados à base do trabalho escravo—para os portos da Europa, onde eles funcionavam como o combustível para o desenvolvimento das manufaturas européias. O açúcar era o produto dominante, seguido pelo algodão, o café, o tabaco e o arroz.

A travessia do meio

Mais de 27.000 das estimadas 50.000 viagens que se calcula tenham sido feitas da África às Américas foram documentadas, e estima-se que 9,5 milhões de africanos sobreviveram à "Travessia do Meio" e se estabeleceram em todas as Américas. A viagem podia durar de um a três meses. Era uma experiência amedrontadora e degradante; capitães e marinheiros a bordo de navios na "Travessia do Meio" acorrentavam os homens no porão e sujeitavam adultos, mulheres e crianças a castigos e abusos. Mais de 18% morriam ou se suicidavam a caminho. Os outros travaram com sucesso a luta contra sua opressão e desumanização e sobreviveram à viagem tortuosa e plantaram nas Américas as sementes humanas das quais evoluiu a população afro-americana. Hoje, a prole produzida pelos 9,5 milhões de sobreviventes chega a totalizar entre 150 e 200 milhões de pessoas em todo o hemisfério. São elas a primeira e

organizaram a primeira sociedade abolicionista nos Estados Unidos. Inspirados pelas correntes ideológicas das revoluções francesa e norte-americana, os oponentes da escravidão na Pensilvânia, Nova York, Massachussetts e Virgínia fundavam associações abolicionistas que incentivavam a libertação de escravos por meio de testamentos ou escrituras. Antes da Guerra Civil, mais de 200.000 norte-americanos se filiaram às várias associações anti-escravistas e abolicionistas e deflagraram campanhas ideológicas e políticas contra a instituição da escravatura. Quando Abraham Lincoln foi eleito Presidente dos Estados Unidos, defendendo uma plataforma anti-escravista, a Carolina do Sul se retirou da União, assim engatilhando o início da Guerra Civil.

Enquanto isso, nações recém independentes e as potências colonialistas européias mais sanguíneas aboliram a escravidão e o comércio escravista em todas as Américas. O Haiti

aboliu a escravidão na nova república em 1804. A Argentina (1853), a Colômbia (1851), a América Central (1824), o Estado de Nova York nos Estados Unidos (1827), e As Índias Ocidentais Britânicas (1834), todos haviam abolido a escravidão antes que Lincoln pronunciasse sua Proclamação da Emancipação (1863), estatuto que libertou apenas os escravos nos estados do Sul que faziam parte da Confederação separatista.

Apenas a aprovação da 13ª Emenda à Constituição (1865), após a Guerra Civil, pôs fim à escravatura nos Estados Unidos. A abolição da escravatura no Brasil, em 1888, aboliu a escravatura de uma vez por todas no hemisfério ocidental.

O triunfo sobre a escravidão

Os novos afro-americanos eram mais do que simplesmente pessoas transformadas biológica e geneticamente. No contexto da escravidão, eles inventaram uma nova cultura escrava afro-americana. Em lugar das línguas



Nègre & Nègresse dans une Plantation por Johann Moritz Rugendas. Publicado em *Voyage pittoresque dans le Brésil*, Paris, cerca de 1835.

Divisão de Artes e Arbetatos, Centro de Pesquisa Schomburg em Cultura Negra, Biblioteca Pública de Nova York

Alcema de escravos usada nos E.U.A., em 1780. Coleção Dray, Watertown, Carolina do Sul



serviços e propriedades.

dos e envolvidos com a aquisição de bens. No mesmo tempo, essas leis documentavam o fato de que os escravos estavam muito ocupados com atividades lucrativas para seu ganho próprio, acumular propriedades ou de participar em atividades lucrativas para seu ganho próprio.

mulgavam leis que proibiam os negros de

As sociedades escravistas repetidamente pro-

armas para lutar pela sua liberdade.

outras sociedades escravocratas a pegar em

e a Revolução do Haiti inspirou os negros em

Américas até que fosse abolida a escravidão,

perturbava a paz de cada regime escravista das

América. O espectro da Revolução do Haiti

a primeira rebelião escrava vitoriosa nas

Inglaterra e da Espanha enviados para sufocar

as forças militares da França Napoleônica, da

república negra no hemisfério após derrotar

Christophe tiveram êxito e criaram a primeira

haitianos Toussaint, Dessalines and

derubar os regimes escravistas. Os rebeldes

javam rebeldes ou pegavam em armas para

Nas fazendas em todas as Américas, parcelas de terras eram designadas para uso dos escravos onde cultivavam comida além de suplicem a alienação própria e dos senhores. Indivíduos e famílias empreendedores faziam dessas parcelas, que freqüentemente se tornavam propriedades de vários hectares, as suas próprias fazendas, nas quais trabalhavam após o trabalho forçado e nos fins de semana. Muitos ganhavam o suficiente para adquirir bens e para comprar de volta a propriedade de si mesmos e de suas famílias. Os indivíduos que se especializavam em certos trabalhos qualificados eram recompensados por seus senhores por períodos de curta ou de longa duração. Eles também usavam as suas economias para adquirir bens e para comprar de volta a sua liberdade.

indivíduos que compravam, herdavam ou adquiriam escravos por outros meios tinham o direito de libertá-los. Alguns exerciam esse direito, concedendo a liberdade a indivíduos africanos escravizados como também a grupos. Os primeiros e mais conscientes dos abolicionistas foram os escravos que afirmavam que a escravidão estava errada. Os Quakers publicaram um manifesto condenando a escravidão em 1688, e em 1775

Abolição do comércio escravo e da

escravidão

Os indivíduos que compravam, herdavam ou

adquiriam escravos por outros meios tinham

o direito de libertá-los. Alguns exerciam esse

direito, concedendo a liberdade a indivíduos

africanos escravizados como também a gru-

pos. Os primeiros e mais conscientes dos

abolicionistas foram os escravos que afir-

marvam que a escravidão estava errada. Os

Quakers publicaram um manifesto conde-

nando a escravidão em 1688, e em 1775

a mais fundamental evidência da vitória dos negros sobre a escravidão.

escravos trabalhavam nessas empreitadas,

Tornando a maioria da população colonial

das Américas (os migrantes africanos

eram 5,5 vezes mais pessoas do que os

europáicos), os africanos trabalhavam em ofi-

cializados especialistas e crianças

trabalhavam, e seu valor de mercado era

determinado pelas suas habilidades e o seu

potencial de arrecadar lucros.

seu valor de mercado era

trabalhavam, e seu valor de mercado era

determinado pelas suas habilidades e o seu

potencial de arrecadar lucros.

seu valor de mercado era

trabalhavam, e seu valor de mercado era

determinado pelas suas habilidades e o seu

potencial de arrecadar lucros.

seu valor de mercado era

trabalhavam, e seu valor de mercado era

determinado pelas suas habilidades e o seu

potencial de arrecadar lucros.

seu valor de mercado era

trabalhavam, e seu valor de mercado era

determinado pelas suas habilidades e o seu

potencial de arrecadar lucros.

seu valor de mercado era

trabalhavam, e seu valor de mercado era

determinado pelas suas habilidades e o seu

A LUTA CONTRA A ESCRavidÃO E A SUA ABOLIÇÃO

tema central da história negra no hemisfério ocidental tem sido a luta pela liberdade. Do período no cativeiro no continente até a "Travessia do Médio," ao período de

escravidão nas Américas, a busca pela liberdade foi o fator central de motivação no comportamento social, político, econômico e cultural. Embora a maioria dos africanos eram escravizados legalmente pela vida inteira, bem como os seus filhos, eles usavam muitas manobras de se libertarem a si próprios e as suas famílias da escravidão. Alguns fugiram para a cidade para o norte do país, aos países estrangeiros, e seu valor de mercado era determinado pelas suas habilidades e o seu potencial de arrecadar lucros.

escravos trabalhavam nessas empreitadas,

Tornando a maioria da população colonial

das Américas (os migrantes africanos

eram 5,5 vezes mais pessoas do que os

europáicos), os africanos trabalhavam em ofi-

cializados especialistas e crianças

trabalhavam, e seu valor de mercado era

determinado pelas suas habilidades e o seu

potencial de arrecadar lucros.

seu valor de mercado era

trabalhavam, e seu valor de mercado era

determinado pelas suas habilidades e o seu

potencial de arrecadar lucros.

seu valor de mercado era

trabalhavam, e seu valor de mercado era

determinado pelas suas habilidades e o seu

potencial de arrecadar lucros.

seu valor de mercado era

trabalhavam, e seu valor de mercado era

determinado pelas suas habilidades e o seu

potencial de arrecadar lucros.

seu valor de mercado era

trabalhavam, e seu valor de mercado era

determinado pelas suas habilidades e o seu

potencial de arrecadar lucros.

seu valor de mercado era

trabalhavam, e seu valor de mercado era

determinado pelas suas habilidades e o seu



Death of Captain Ferrer, the Captain of the Amistad (Morte do Capitão Ferrer, o Capitão do Amistad), julho de 1839. Litografia em *A History of the Amistad Captives* (Uma História dos Cativos do Amistad) de John W. Barber, 1840. Africanos capturados frequentemente se revoltavam nos navios negreiros. Embora algemas, correntes e revólveres fossem usados para aprisioná-los, às vezes eles venciam aqueles que os haviam capturado.

Divisão de Manuscritos, Arquivos e Livros Raros, Centro de Pesquisa Schomburg em Cultura Negra, Biblioteca Pública de Nova York

escravos surgiram e estados recém-formados e sociedades decretaram leis de abolição da escravidão. Os escravos tomaram proveito destas oportunidades e as utilizaram para libertar a si mesmos e aos seus familiares. A Guerra Civil e a 13ª Emenda à constituição americana deram fim à escravidão nos Estados Unidos e por volta de 1890 a escravidão tinha sido abolida no hemisfério como um todo.

(6)

Escravos que aboliram a escravidão
Um dos maiores grupos de escravos que conseguiram a vitória sobre a escravidão foi aqueles que roubaram a si mesmos—os que fugiam levando consigo o valor que seus “donos” haviam pago por eles, o valor do trabalho que os “senhores” esperavam deles extrair, bem como o valor de seu conhecimento e habilidades. Em todos os lugares onde existia a escravidão, os escravos sempre

fugiam. Mais de 50.000 escravos fugiram por ano no Sul dos Estados Unidos antes da Guerra Civil. A maioria retornava, era punida e/ou renegociava seu relacionamento com a instituição da escravidão. Mas o seu ato de fugir expunha a fundamental instabilidade dos regimes escravistas e o grau em que esses regimes dependiam do africano escravizado, e não o contrário.

Uma minoria significativa de fugitivos desaparecia no meio de comunidades de negros livres no Sul, no Norte e no estrangeiro. Outros se estabeleceram no meio de comunidades indígenas e se tornaram envolvidos de forma ativa nas suas lutas contra os regimes coloniais invasores. Outros ainda fugiam e criavam novas quilombos onde instituíam seus próprios sistemas de governo e organização social, administrando suas próprias vidas. Quilombos vibrantes, altamente organizados, se desenvolveram na Jamaica, no Suriname, no Brasil, na Colômbia, e na Carolina do Norte nos Estados Unidos. Os descendentes desses quilombos ainda levam vidas dinâmicas, enraizadas na sua ancestralidade e herança cultural dos quilombos, na Jamaica e no Suriname.

O processo de colonização das Américas tornou uma zona de guerra perpétua. Além das expedições militares realizadas contra os povos indígenas, as potências coloniais

européias estavam constantemente em guerra entre si, disputando o espólio da “descoberta” e da colonização—terras, ouro, prata, e os outros recursos naturais das populações indígenas. Essa mobilização militar sem fim oferecia a alguns escravos oportunidades de perseguir a sua busca pela liberdade por meio do serviço militar. Eles se alistavam no serviço voluntário sempre que a oferta da liberdade fosse um dos prêmios. Lutaram ao lado dos ingleses e dos coloniais norte-americanos durante a Revolução Americana porque ambos os lados ofereciam a liberdade àqueles que os serviam. Lutaram também, e pela mesma razão, em ambos os lados da Guerra Civil.

Alguns se armavam e lutavam pela própria liberdade. Os quilombos em todas as Américas deflagravam campanhas de guerra de guerrilha e, às vezes, guerras de escala plena contra os colonialistas europeus. Nos Estados Unidos, rebeldes como Gabriel Prosser, Nat Turner e Denmark Vesey plane-

Le Code Noir, ou Recueil Des Reglemens Rendus, Paris, França, 1742. Este compêndio de leis francesas que remonta a 1685 registra, em um só lugar, todas as leis escritas para governar a disciplina e o comércio de escravos nas colônias francesas das Américas. Este foi um dos códigos escravistas mais abrangentes já publicado.

Divisão de Manuscritos, Arquivos e Livros Raros, Centro de Pesquisa Schomburg em Cultura Negra, Biblioteca Pública de Nova York



Versão de um leilão de escravos, Versailles, Kentucky, U.S.A.

Arquivo da Host Pittman Collection